



ANTONIMAR SILVA FREITAS

(RE)TRATOS DE UM LUGAR

VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS EM IMAGENS E PALAVRAS

JANIA MARIA DE PAULA



(RE)TRATOS DE UM LUGAR

VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS EM IMAGENS E PALAVRAS

**ANTONIMAR SILVA FREITAS
JANIA MARIA DE PAULA**

**COMODORO/MT
2026**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Gerador de Ficha Catalográfica do IFRO.

Freitas, Antonimar Silva.
(Re)tratos de um lugar: vivências e experiências em imagens e
palavras / Antonimar Silva Freitas. - Cacoal, 2026.
84 f. : il.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Jania Maria de Paula.

Produto Educacional (Mestrado Profissional em Ensino de
Geografia – ProfGeo) – Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia de Rondônia - IFRO, Cacoal, 2026.

ISBN 978-65-989425-6-4

1. Fotolivro. 2. Educação. 3. Identidade. 4. Pertencimento. I.
Paula, Jania Maria de (orient.). II. Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO. III. Título.

Bibliotecário(a) Responsável: Roseni Santos Rodrigues, CRB-11/916

Sobre a obra

Este fotolivro é mais que um registro, é um gesto. Gesto de olhar, de escutar, de pertencer. Aqui se entrelaçam rostos, palavras, lugares e memórias ao longo do tempo.

Um convite para sentir o mundo pelos olhos de quem habita, vive e (re)significa o espaço.

São páginas que costuram infância e afetos, amizades e escolas, fé e comunidade, cidade e natureza.

Cada imagem carrega o sopro das lembranças e a força do agora, revelando que a identidade é sempre feita de encontros: com pessoas, com lugares, com histórias.

Não se trata apenas de fotografias, mas de narrativas visuais e fragmentos de vozes que se tornam testemunhos de pertencimento.

Entre o ontem e o amanhã, entre o íntimo e o coletivo, este livro deseja ser passagem; um espaço em que memória, imagem e palavra se tocam, tecendo a paisagem sensível de quem aprende a dizer: *“este lugar também sou eu”*.

Comodoro/MT

SUMÁRIO

Quem somos nós?.....	6
Parte 0 – O que vem antes?.....	7
Notas ao leitor: Caminhos da leitura.....	11
Parte I – Raízes e memórias de infância e a comunidade como lugar de encontro.....	12
Parte II – Juventude, amizade e cotidiano.....	23
Parte III – A escola como lugar de formação.....	34
Parte IV – Entre tempos: passado, presente e futuro.....	46
Parte V – Territórios vividos, espaços transitados.....	55
Parte Final – Orientações pedagógicas.....	71
O que fica?.....	78
A Geografia do Norte move moinhos.....	79
Referências	82
Créditos	84

QUEM SOMOS NÓS?



Antonimar Silva Freitas

Mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede Nacional (PROFGEO), do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), *campus* de Cacoal. Atua como professor da Educação Básica e pesquisador na área de ensino de Geografia, com ênfase em lugar, identidade e pertencimento. Este fotolivro é fruto de sua pesquisa de mestrado, desenvolvida na Escola Estadual Cora Coralina, município de Comodoro/MT.



Jania Maria de Paula

Professora titular do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), *campus* Ji-Paraná. Graduada e mestre em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia (1997; 2008) e doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (2017). Atua nos cursos de Ensino Médio Integrado do IFRO e no Programa de Mestrado Profissional em Rede em Ensino de Geografia (PROFGEO). Tem experiência em Ensino de Geografia, Geografia Humana e pesquisa com ênfase em cultura, migrações e sustentabilidade ambiental.

PARTE 0

O QUE VEM ANTES?

Antes das imagens e memórias que compõem este livro, é necessário abrir espaço para compreender o próprio formato que aqui se apresenta. Chamamos de fotolivro esta obra que mistura fotografia, narrativa, memória e reflexão. Mais do que um registro visual, o fotolivro é um gesto comunicativo: organiza imagens em sequência, constrói sentidos, desperta lembranças e propõe leituras do mundo.

Assim, esta parte inicial busca responder à pergunta: o que é, afinal, um fotolivro? Que caminho histórico e conceitual nos trouxe até aqui?

O que vem antes, portanto, não é apenas teoria: é o convite para entender como este produto educacional pode ser apropriado pela escola e pelos sujeitos que dela participam.

DO LIVRO AO LIVRO DE ARTISTA

O conceito de livro enquanto objeto e conteúdo tende a ser relativamente fixo para a maior parte da sociedade: é, em geral, qualquer espécie de arquivador de textos, hoje já não limitado ao suporte físico, visto que o mercado digital disputa espaço com as edições impressas. Contudo, no campo artístico, o livro adquire uma dimensão muito mais ampla. Plaza (1982) afirma, nesse sentido, que o livro pode ser compreendido como uma sequência de momentos, um espaço de expressão que ultrapassa a mera função de arquivar palavras.

Os livros, em essência, são meios de comunicação. Servem-se da linguagem humana em suas diversas formas — escrita, gráfica, sensorial ou social — para transmitir sentidos, desde que sejam interpretativos e comunicativos. É nesse ponto que se fundamenta também o conceito de livro de artista: uma unidade expressiva que veicula uma ideia estética, em que forma e conteúdo se entrelaçam em uma natureza sequencial (Fabris; Costa, 1985).

A origem dos fotolivros contemporâneos está intimamente relacionada à inventividade artística. Desde os poemas ilustrados de William Blake, a poesia concreta de Mallarmé, até as experimentações dadaístas de Duchamp e Man Ray, observa-se um percurso histórico em que texto, imagem e objeto se fundem.

O FOTOLIVRO: CONCEITO E NARRATIVA

Como ressalta Silveira (2015), os estudos sobre o livro de artista foram fundamentais para a compreensão do fotolivro, já que muitos dos conceitos estéticos e estruturais já estavam ali presentes.

De modo geral, podemos distinguir três termos próximos, mas não idênticos:

- Livro de artista: o suporte-livro como meio de arte em si.
- Livro fotográfico: reúne fotografias, mas não necessariamente possui coerência narrativa.
- Fotolivro: ultrapassa a estética fotográfica e deve ser compreendido por sua intencionalidade narrativa e comunicacional, estruturando um percurso que dialogue com quem o lê.

Nesse sentido, o fotolivro se constitui como fronteira entre arte e comunicação. Mais do que reunir imagens, ele organiza uma sequência capaz de gerar sentidos, explorar temporalidades e provocar interpretações. Como destaca Badger (2014), todo fotolivro precisa apresentar um início, meio e fim (ainda que não lineares), pois a ordem das imagens altera nuances da história.

FOTOLIVRO COMO ARQUIVO E MEMÓRIA

O fotolivro também dialoga com a dimensão arquivística da fotografia. Cada imagem é, em si, um registro, mas ao ser incorporada em um conjunto maior, passa a pertencer a uma narrativa construída. Nesse aspecto, ele pode tanto reativar memórias pessoais e coletivas, quanto propor leituras críticas da realidade, misturando documento e ficção (Enwezor, 2008; Sekula, 2003).

Assim, o fotolivro pode ser entendido como um espaço onde imagem, texto e *design* se unem para formar uma obra sequencial, estética e comunicativa. Ele carrega em si a potência de ser arte, arquivo e narrativa, revelando que cada página é menos um ponto de chegada e mais um convite a novas interpretações.

NOTAS AO LEITOR: CAMINHOS DA LEITURA

As fotografias aqui reunidas não trazem identificação das pessoas de forma intencional. Tal escolha não é ausência, mas presença de um princípio: o de preservar o anonimato; mais do que resguardar identidades, essa decisão desloca o olhar, do indivíduo para o lugar, do rosto para o sentido, do nome para a experiência. O que está em evidência não são as pessoas em si, mas os vínculos que elas estabelecem com os lugares que habitam, atravessam e significam.

Os textos, as breves legendas e as reflexões que acompanham as imagens não têm a função de explicá-las completamente, mas de abrir possibilidades de interpretação. Funcionam como pistas, ecos ou aproximações, nunca como encerramento. Cabe ao leitor percorrer essas camadas, permitindo-se sentir, lembrar e imaginar.

Assim, a leitura deste fotolivro não se orienta pela busca de identificação, mas pela escuta atenta dos significados que emergem dos lugares. Recomendamos um olhar desacelerado, disposto a perceber detalhes, atmosferas e relações que, muitas vezes, se revelam nas entrelinhas.

PARTE I

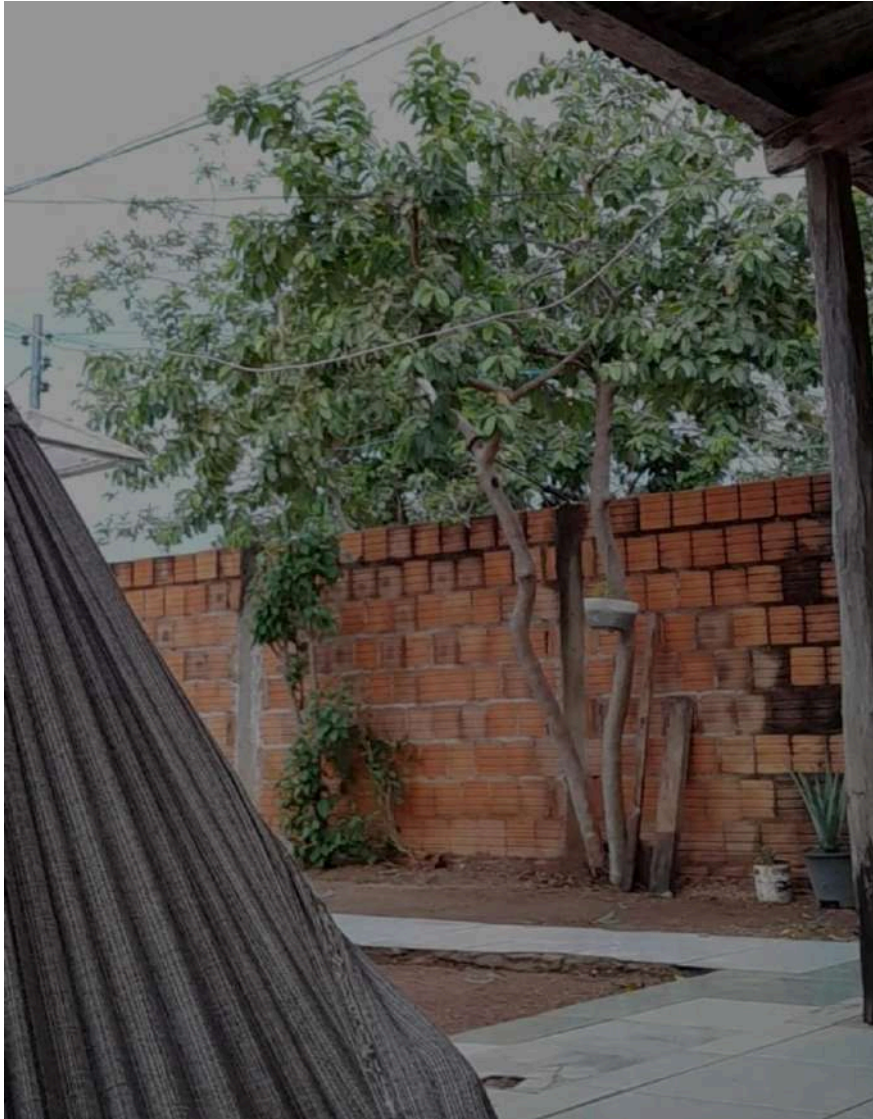
RAÍZES E MEMÓRIAS DE INFÂNCIA E A COMUNIDADE COMO LUGAR DE ENCONTRO

*"As primeiras raízes se lançam no chão da
infância.
Entre ruas de terra, brincadeiras e rostos
conhecidos,
nasce a memória que nos ancora.
A comunidade é o primeiro abrigo,
onde cada gesto, cada encontro,
transforma espaço em pertencimento."*

O pertencimento nasce das primeiras vivências, onde o lugar é afeto.



Nova Mamoré/RO, 2008.



Vila Bela da Santíssima Trindade/MT, 2023.



Comodoro/MT, 2017.



Pontes e Lacerda/MT, 2024.

“Duas infâncias, dois momentos, um mesmo território de afeto: o pertencimento começa a ser tecido aqui.”



Ouro Preto do Oeste/RO,
1995.



Nova Mamoré/RO
2008.



Nova Mamoré/RO,
2009.

Nova Mamoré/RO,
2008.



As memórias da infância revelam o primeiro vínculo afetivo com o lugar. É nesse tempo vivido que se estruturam os sentidos de pertencimento, pois, como aponta Tuan (1980), a topofilia nasce da experiência cotidiana, dos afetos e das relações que transformam o espaço em lugar.

Marandola Júnior (2009), considera que a situação do ser na sociedade contemporânea, “se manifesta a partir da ligação íntima habitar-lugar, enquanto fenômeno geográfico vivido e iluminado pela experiência de uma pessoa, que dota o espaço de sentido” (Marandola Júnior, 2009, p. 12).



“Esse lugar me traz muitas lembranças boas, foi onde eu e minha família criamos muitos momentos inesquecíveis e acredito que diz muito sobre mim, pois sou uma pessoa que valoriza muito a família e cada momento que passo ao lado deles (fica em Juína/MT)”.

Por Isabela, 2025.



Juína/MT, 2017.



Comodoro/MT, 2023.



Comodoro/MT, 2017.



Juína/MT, 2024.



***“Meu primeiro chinelinho, era usado como chaveiro pelos meus pais. Guardamos com muito carinho.”
Por Raiciany, 2025.***

**“A consciência do passado é um fator importante no amor pelo lugar, permitindo compreender o espaço vivido como uma ‘árvore genealógica viva’.”
(Tuan, 1980, p. 115).**



Nova Mamoré/RO, 2008.

“Na igreja, entre cantos, gestos e silêncios partilhados, a comunidade encontra espelho e abrigo. É ali que as memórias se entrelaçam às raízes e as experiências ganham sentido coletivo, fazendo do lugar um elo entre infância, fé e pertencimento.”



Ministro Andrezza/RO, 2013.



Comodoro/MT, 1987.

“A identidade de um lugar se constrói pela profundidade das experiências partilhadas e pelo sentido de pertencimento cultivado coletivamente.”



Ouro Preto do Oeste/RO, 2000.

PARTE II

JUVENTUDE, AMIZADE E COTIDIANO

"O tempo da juventude é feito de passos apressados, de risos partilhados e silêncios cúmplices. Amizades se tornam morada, e o cotidiano, simples e intenso, guarda em si a força de ser lembrança."



Comodoro/MT, 2013.

O pertencimento também se faz nos laços de amizade e nas experiências compartilhadas.



Comodoro/MT, 2023.



Vale do Paraíso/RO, 2005.



Comodoro/MT, 2017.



Comodoro/MT, 2025.



Comodoro/MT, 2023.

“Diante da complexidade que é viver e do mix de situações e sensações previstas e imprevistas que temos diariamente, é um alívio saber que a amizade é um sentimento que depende tão somente de nossas escolhas, não há contraindicação e nem limites. Ela nos permite escolher a nossa segunda família, pautada em cumplicidade, parceria, confiança, cuidado, amor e diversão. Com certeza, a vida é boa, mas ela é mais feliz com os amigos”.

Por Debora, 2025.



Vilhena/RO, 2024.



Comodoro/MT, 2025.

***“ A luz do pôr do sol
mostra a beleza do
céu. ”***

Por Raiciany, 2025.



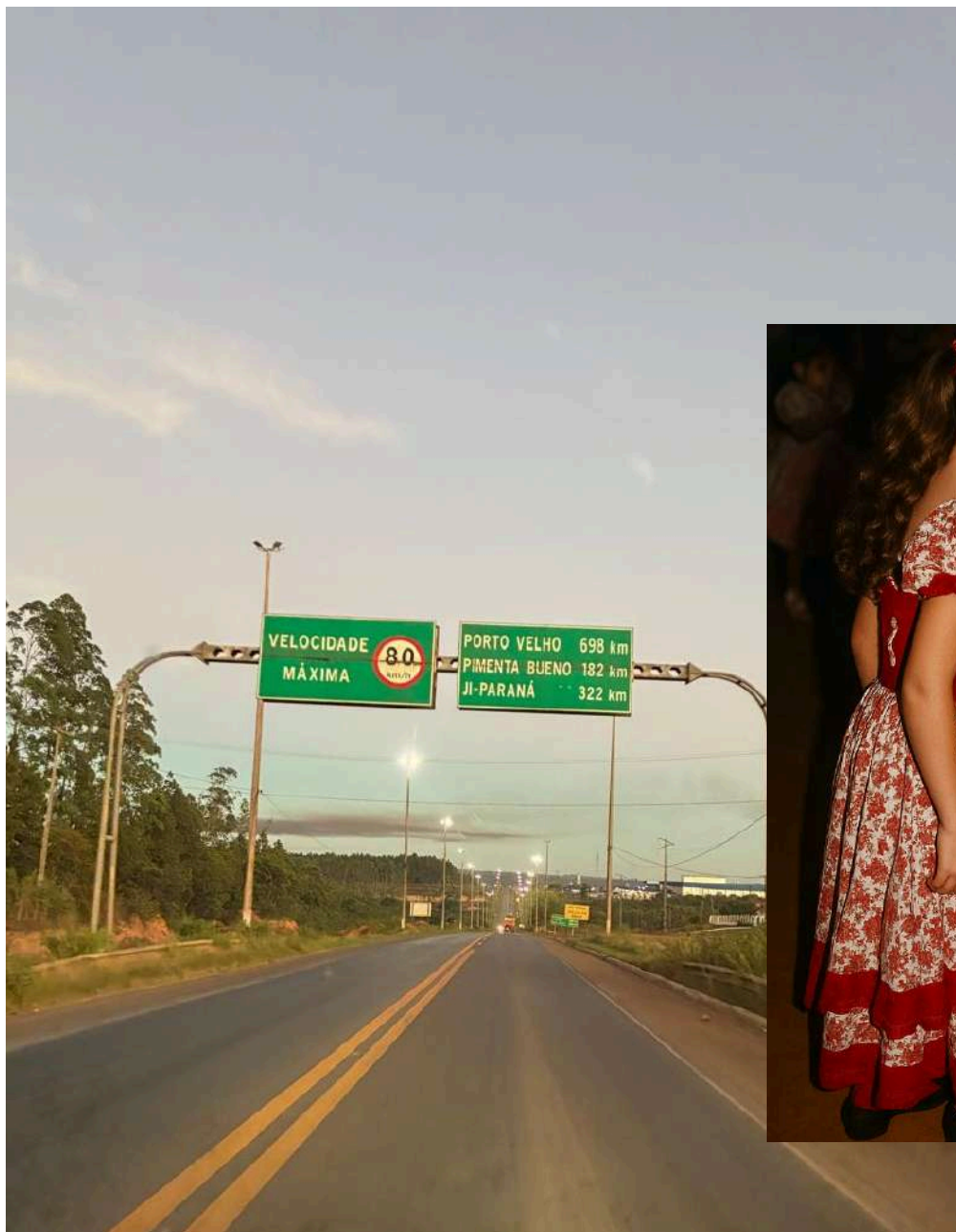
Comodoro/MT, 2011.

“Bom, nesse dia começou a nossa busca pelo esporte, o momento em que nos inspiramos a praticar algo que gostaríamos. O vôlei sempre faz com que eu esteja cercada dos meus amigos, o que é um momento maravilhoso, pois quando estou com eles não há companhias melhores... sempre querer estar com quem me faz bem. O vôlei me fez e ainda faz ter experiências memoráveis, que eu nunca irei esquecer.”
Por Cassiane, 2025.



Comodoro/MT, 2025.

“Crescer é seguir estradas onde o horizonte chama e os encontros florescem”.



Vilhena/RO, 2025.



Comodoro/MT, 2012.

**“Na amizade, cada
caminho se faz luz de pôr
do sol”.**



Juína/MT, 2017.



Comodoro/MT, 2023.



Comodoro/MT, 2025.





Comodoro/MT, 2025.

“Um lugar calmo, que me traz paz, que me permite apreciar o pôr do sol e ter uma caminhada incrível”.

Por Maria Fernanda, 2025.



Comodoro/MT, 2023.



Comodoro/MT, 2025.

“Uma mente curiosa e sonhadora, com uma imensa vontade de descobrir o que há lá fora? Será que vemos o mesmo céu? Ou nossos olhos apenas o enxergam diferente?... A magia de descobrir, de imaginar, transformando-se em energia, uma energia tão especial que faz até a vista de um simples fundo de quintal se apresentar como um mundo novo, uma nova forma de pensar, de ver a vida, e de vivê-la...como deve ser vivida...”
Por Gustavo, 2025.

“Essa dimensão mais reflexiva, pode ser compreendida a partir do conceito de lugar geopsíquico, proposto por Juliana Dias (2019), que entende o lugar como uma experiência que ultrapassa o espaço vivido e universo psíquico do sujeito. Memórias, afetos, desejos e imaginação compõem esse território íntimo, que orienta o modo de perceber o mundo e a si mesmo. Em diálogo com essa perspectiva, Dardel (2011) evoca o espaço telúrico como uma dimensão profunda e sensível da relação com a Terra, um espaço secreto e atraente, que convida à exploração e ao pertencimento. Diante da vista que se abre pela janela, o lugar se revela, assim, não apenas como paisagem visível, mas como experiência sentida”.

Por Antonimar, 2026.

PARTE III

A ESCOLA COMO LUGAR DE FORMAÇÃO

*"Entre paredes que ecoam vozes e
aprendizados,
a escola se faz território de descobertas.
É nela que o saber encontra o viver,
e que cada sujeito aprende também
a escrever a sua própria história."*



Comodoro/MT, 2018.

A escola é um lugar de memória, aprendizado e identidade em transformação.



Comodoro/MT, 2024.



Comodoro/MT, 2013.



Comodoro/MT, 2017.



Comodoro/MT, 2017.



Comodoro/MT, 2019.



Comodoro/MT, 2014.



Comodoro/MT, 2021.



“A Escola Cora Coralina foi mais que um local de trabalho, foi um espaço de vida, de aprendizados e de construção de sonhos. Nestes 18 anos, sendo 12 deles na gestão, vivi desafios, conquistas e cresci junto com cada estudante, colega e família. Levo comigo a certeza de que essa história marcou quem eu sou e sempre fará parte de mim”.

Por Sandra Marcato, 2025.



VOZES DA ESCOLA

Nas vozes dos estudantes, a escola se revela muito além de um espaço de aprendizado formal: é território de encontros, de brincadeiras que atravessam o tempo e de lembranças que moldam identidades.

“Fez parte de uma parcela significativa da minha vida, proporcionando muitas histórias e memórias, teve influência no que sou hoje.”

“Sou grato por me proporcionar momentos incríveis com pessoas maravilhosas. Gosto de como somos tratados como prioridades pelos professores, pelo fato de eles fazerem questão de nos ensinar.”

“Através da educação serei capaz de mudar minha história e trazer esperança para os meus. Neste encerramento, percebi seu valor e gostaria de voltar no tempo e viver tudo de novo.”

Fonte: dados da pesquisa, 2025.

“A escola é o lugar onde o aprender se faz encontro,



e o encontro se faz caminho de humanização.” 39



“Nesta escola vivi muitas experiências boas e ruins que contribuíram para eu me tornar quem sou hoje. Além disso, nesta vila -Nova Alvorada - eu cresci e colecionei muitas histórias com minha família. Sem dúvidas, é um lugar de conforto e memorável.”

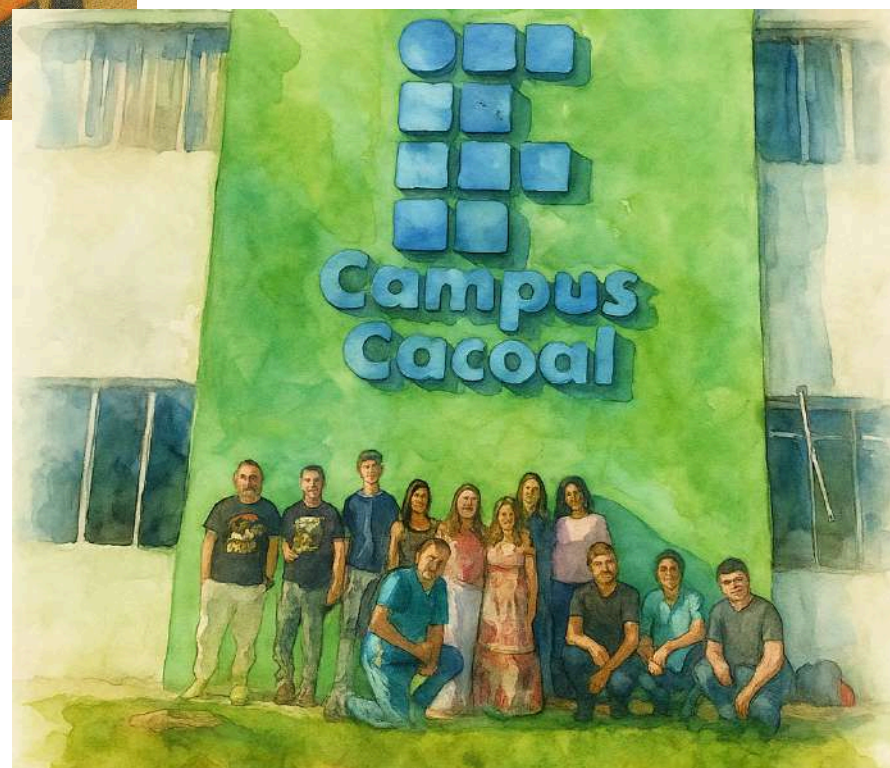
Por Mirelly, 2025.



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado de Rondônia- IFRO, Campus Cacoal, 2024.

“Iniciar esta caminhada foi mais que formação: foi o reencontro com minhas raízes, o florescer de um sonho e a oportunidade de transformar caminhos pela educação.”

Por Antonimar, 2024.





A afetividade presente nas narrativas encontra eco nas reflexões de Eric Dardel, para quem o espaço geográfico não se reduz a uma realidade funcional, mas constitui uma condição da própria existência humana. O lugar é, antes de tudo, onde o sujeito está, aquele que o envolve, sustenta e lhe permite viver o mundo de forma sentida (Dardel, 2011).

Assim, habitar a escola ultrapassa o simples ato de frequentá-la; é vivê-la como parte da própria história, em uma relação de proximidade e pertencimento.

BAIRRO SÃO FRANCISCO

TERTULIA

Comodoro/MT, 2025.

Comodoro/MT, 2025.



PARQUE INDUSTRIAL

QUANDO A ESCOLA SE TORNA HISTÓRIA

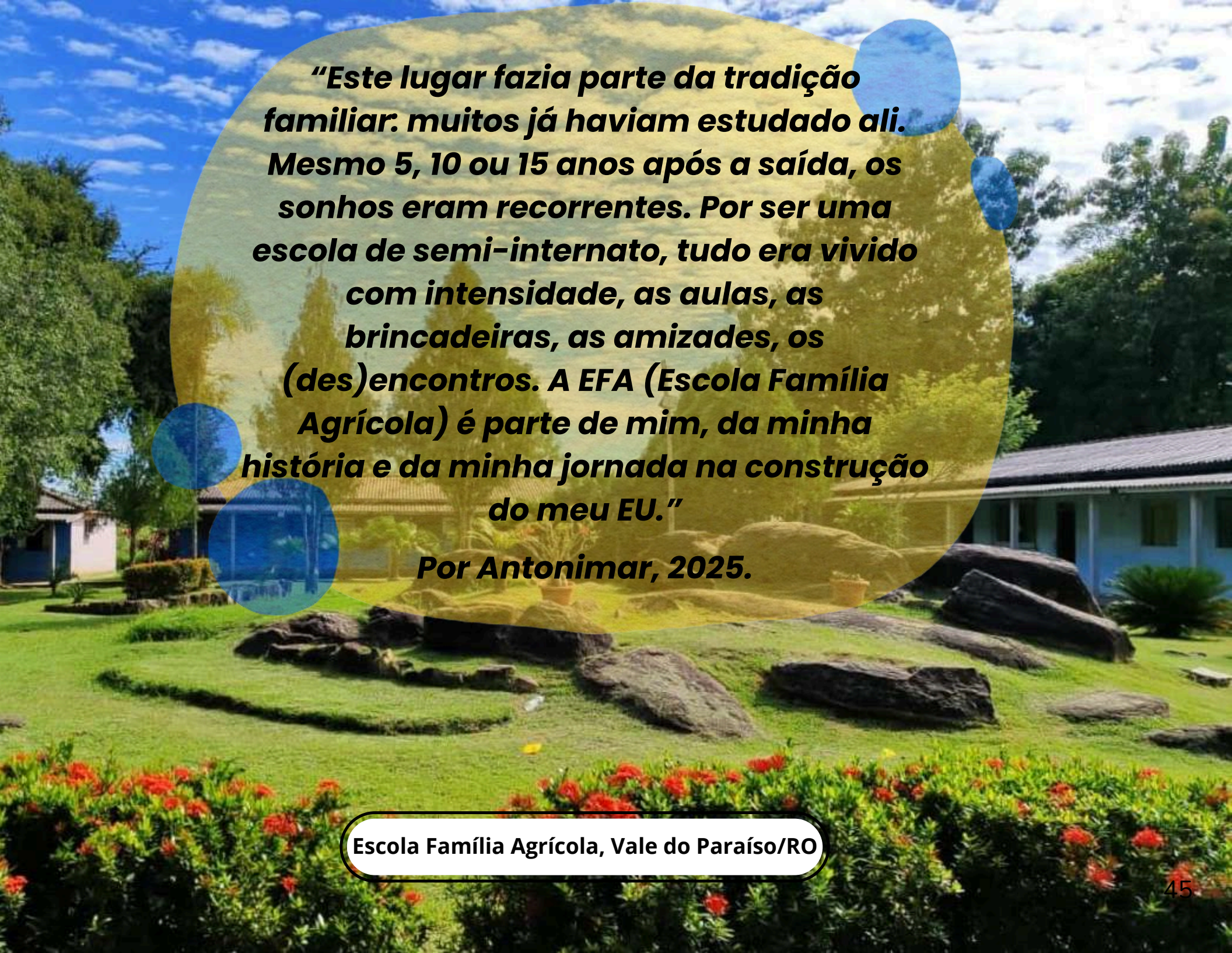
Cada relato guarda fragmentos de afetos e experiências, mostrando que a vida escolar pulsa entre cadernos, risos, amizades e vínculos que permanecem.

“O Cora Coralina foi onde fiz vários amigos, adquiri grande parte do meu conhecimento.”

“Escola Cora, pois foi onde mais me senti como se estivesse na minha cidade natal, me senti confortável e acolhida.”

“Sentei na 5ª carteira da 1ª fila, bem lá no fundo. Atrás de mim sentava um menino alto, de pele morena, com orelhas um pouco grandes. Ele se chamava Aquiles. Foi meu primeiro amigo, nos tornamos muito próximos.”

Fonte: dados da pesquisa, 2025.



“Este lugar fazia parte da tradição familiar. muitos já haviam estudado ali. Mesmo 5, 10 ou 15 anos após a saída, os sonhos eram recorrentes. Por ser uma escola de semi-internato, tudo era vivido com intensidade, as aulas, as brincadeiras, as amizades, os (des)encontros. A EFA (Escola Família Agrícola) é parte de mim, da minha história e da minha jornada na construção do meu EU.”

Por Antonimar, 2025.

Escola Família Agrícola, Vale do Paraíso/RO

PARTE IV

ENTRE TEMPOS: PASSADO, PRESENTE E FUTURO

*"Os dias se entrelaçam em fios de memória.
O passado se oferece como raiz,
o presente pulsa em movimento,
e o futuro desponta como horizonte aberto,
feito de sonhos e de passos que virão."*



Desfile cívico, 1998.



Prefeitura de Comodoro/MT, 1980.



Rodoviária de Comodoro/MT, 1980.



Desfile cívico, 1998.

Comodoro/MT, 1980.



*O pertencimento
não é fixo, mas
um fio que
costura tempos e
lugares vividos.*

Comodoro/MT, 2022.



A aula de campo é um convite ao olhar sensível sobre o lugar em que se vive. Ao caminhar pelos espaços conhecidos, mas muitas vezes não percebidos, os estudantes descobrem que a Geografia não está apenas nos livros, mas também na poeira da estrada, no som do rio, no gesto das pessoas. Assim, o estudo do meio transforma-se em um exercício de pertencimento, identidade e afeto, um modo de aprender e, ao mesmo tempo, valorizar o chão que sustenta suas histórias.



Comodoro/MT, 2010.



Comodoro/MT, 2023.

Comodoro/MT, 2004.



Essa continuidade é memória viva: a Geografia ensinada e sentida permanece no afeto, na topofilia que, como nos lembra Yi-Fu Tuan (1980), une o ser ao espaço, fazendo da paisagem também um espelho da própria existência.

Nas imagens guardadas de diferentes períodos, a aula de campo revela a beleza da permanência e da mudança. Os rostos se transformam, o tempo avança, mas o vínculo com o lugar se renova a cada olhar lançado sobre ele.



Comodoro/MT, 2023.

Horta Escolar: Passagens e Permanências

1998



2019



2024



2024



2019



1998



Escola Estadual Cora Coralina, Comodoro/MT.



Comodoro/MT, 2003.



Comodoro/MT, 1998.

“A identidade está sempre em processo, mas nos rituais cívicos permanecem tradições que fortalecem nossa memória coletiva”.



Comodoro/MT, 2023.

Igreja Matriz Nossa Senhora da Guia



Comodoro/MT, 1980.



Comodoro/MT, 2024.

“Entre a fotografia antiga e a recente da igreja matriz, o que se revela não é apenas a mudança das formas, mas a permanência de sentidos. Como lembra Carlos (2007), a memória articula espaço e tempo, guardando no lugar as marcas de experiências vividas. A igreja, nesse horizonte, não é apenas construção material, mas também espaço de encontros, afetos e histórias que se renovam. É nesse diálogo entre passado e presente que emerge a geograficidade de Dardel (2011): a relação existencial do ser com o mundo, em que o lugar se torna testemunha do tempo e espelho da vida coletiva”.

Por Antonimar, 2025.

PARTE V

TERRITÓRIOS VIVIDOS, ESPAÇOS TRANSITADOS

*"A vida é caminho em constante travessia.
Entre chegadas e partidas,
o território se multiplica em paisagens,
e cada espaço vivido deixa marcas em nós,
como se a Geografia também fosse memória."*

O afeto pelo lugar nasce do que é próximo, vivido e reconhecido como parte de nós.



Cáceres/MT, 2023.

Comodoro/MT, 2025.

*“Nesses marcos
arquitetônicos, a memória
se ancora, tecendo
vínculos entre gerações –
lembranças amazônidas
que me conectam à terra
das águas e dos povos
do Norte”.*

Por Antonimar, 2025.

O brilho do Teatro
Amazonas e a singeleza da
Igrejinha de Santo Antônio.



Manaus/AM, 2022.



Porto Velho/RO, 2024.



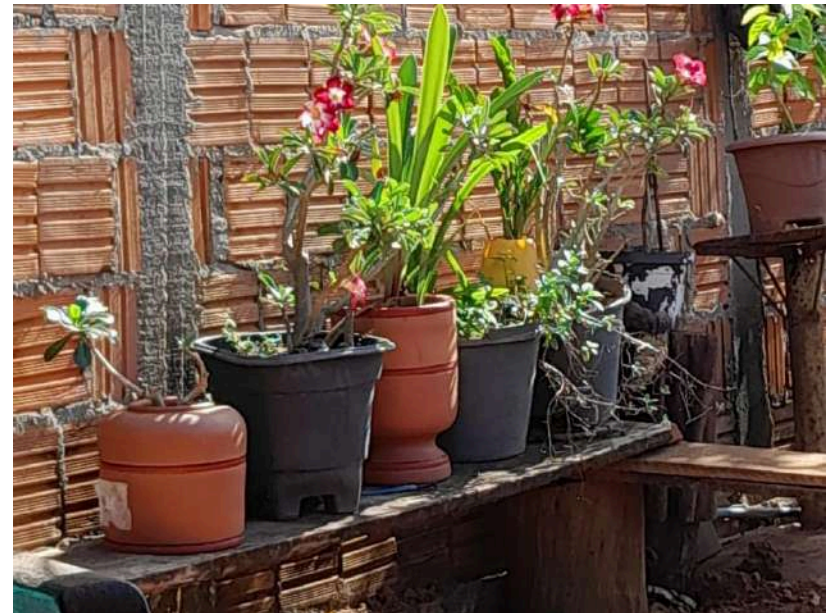
Brasília/DF, 2025.



Vila Bela da Santíssima Trindade/MT, 2024.



Cáceres/MT, 2023.

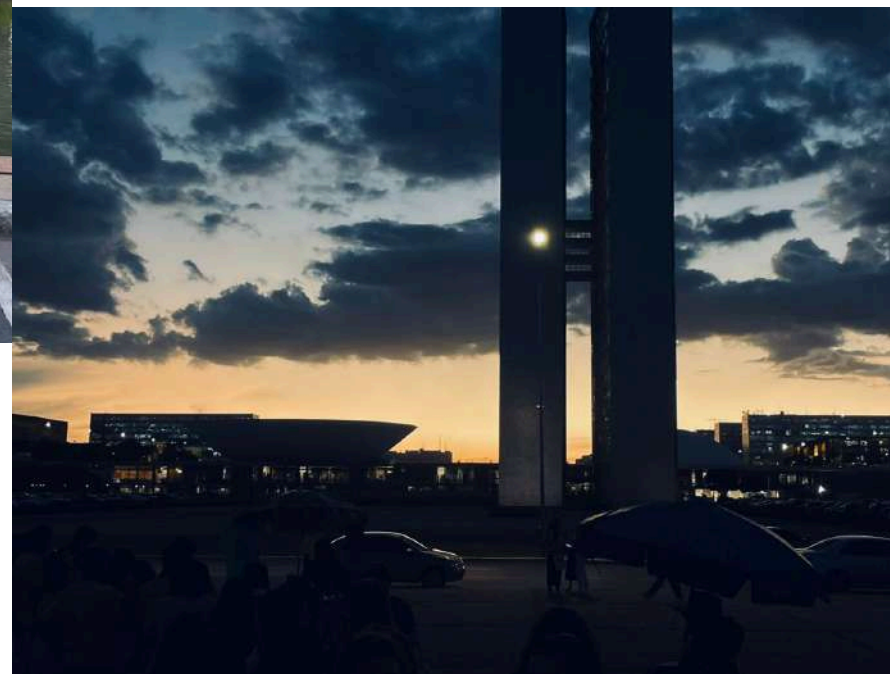


Vila Bela da Santíssima Trindade/MT, 2024.



*“Em cada novo lugar,
nascem memórias e
histórias que, pouco a
pouco, se entrelaçam ao
nosso afeto,
transformando o
desconhecido em parte
de quem somos”.*

Brasília/DF, 2025.





Comodoro/MT, 2025.

“Nos caminhos que se abrem em terras novas, o coração aprende a bordar memórias, tecendo afetos que fazem do lugar também morada”.



Comodoro/MT, 2021.

ENTRE MEMÓRIAS E AFETOS: O LUGAR CHAMADO COMODORO

“O significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. O que começa com espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (Tuan, 1983, p. 6).

“Eu nasci em Comodoro/MT e tenho saudade todas as vezes em que viajo ou fico muito tempo longe de onde eu nasci e moro.”

“Comodoro, tenho um carinho significativo pela minha origem e histórias que já vivi aqui, pois, elas me fizeram ser quem eu sou.”

“Comodoro/MT, sim, gosto bastante dessa cidade por mais que ela é pequena é muito bom morar aqui.”

“Comodoro, pois é minha cidade natal.”

O pertencimento, assim, não se dá apenas pela presença física, mas pelo entrelaçar de experiências, afetos e histórias que, com o tempo, enraízam o sujeito ao espaço vivido.



Ximbuva centenária às margens
do Rio Paraguai.
Cáceres/MT, 2023.

Comodoro/MT, 1980.



*“Toda fotografia é um resíduo
do passado, um artefato que
contém em si um fragmento
determinado da realidade
registrada fotograficamente.”
(Kossoy, 2001, p. 45)*

“Na modernidade, transitamos pelas cidades como viajantes apressados. O espaço é ocupado, mas os vínculos se enfraquecem”.

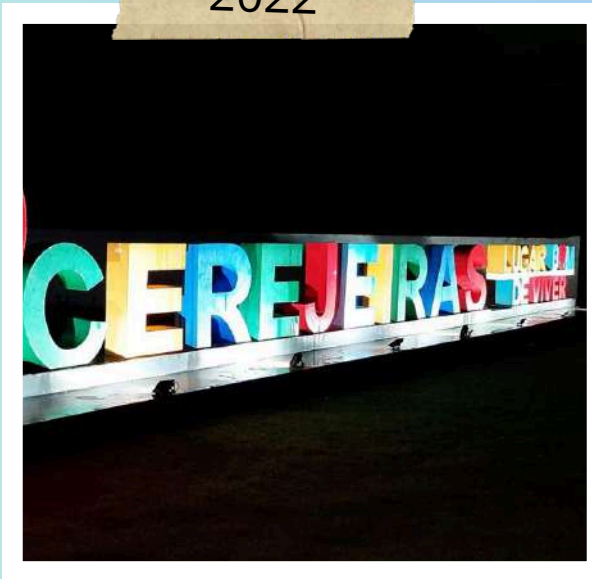


Divisa MT/RO, 2020.

2022



2022



2022



2023



2023



2023



“O portal marca a entrada no espaço urbano...que tradicionalmente, contava com um: ‘Sejam bem-vindos’. Os antigos portais eram espaços de socialização dos moradores...Embaixo de uma árvore, um banco de madeira...convite para uma boa prosa. Aqueles cenários bucólicos são cada vez mais raros. A novidade é um típico: ‘Eu ♥ Tupiratã’. Há de se perguntar quem é esse Eu? ... Não se pode amar uma cidade apenas por passar por ela...O amor é um sentimento pago com o tempo custoso”.

(Santos Silva, 2024)



Campos de Júlio/MT, 2025.



Sapezal/MT, 2024.



Tangará da Serra/MT, 2024.



Vilhena/RO, 2023.

GEOGRAFIAS DO PASSAR

“São territórios percorridos, mas não habitados, não-lugares onde prevalece a pressa, a impessoalidade e a transitoriedade. Relph (1976), ao discutir a noção de lugares inautênticos ou a ausência de lugaridade, considera que a perda de vínculos significativos entre sujeitos e espaço produz experiências de desenraizamento, nas quais os lugares passam a ser fragilizados enquanto referências de identidade, memória e pertencimento”.

Por Antonimar, 2025.

PARADOXOS DO PERTENCIMENTO

“Nesse movimento, as relações tornam-se líquidas, frágeis e instáveis, como se o enraizamento fosse sempre adiado. Entre o desejo de permanecer e a vontade de partir, alguns sonham com a “saída”, na esperança de encontrar em outros horizontes o lugar que aqui lhes escapa. Esse anseio se aproxima do escapismo, em que o lugar imaginado surge como promessa de liberdade, reconhecimento ou mobilidade. Assim, o lugar se desdobra em paradoxos: é presença e ausência, proximidade e distância, acolhimento e estranhamento, revelando a delicadeza dos laços que hoje nos ligam ao mundo.”.

Por Antonimar, 2025.

ENTRE AQUI E ALÉM- I

Nos últimos tempos tenho me perguntado: de que lugar sou feita?

A resposta não cabe apenas no mapa, nem no traço das linhas que delimitam fronteiras. A construção de quem sou se enraíza no chão onde nasci, mas também nos murmúrios que atravessaram a infância, nos rostos que cercaram meus primeiros passos, nas esquinas onde aprendi a reconhecer o mundo.

Carregamos conosco muito mais do que a geografia da origem. Somos feitos de um tecido invisível, costurado entre memórias, encontros e afetos. E talvez seja isso que chamo de lugar: não apenas o espaço físico, mas aquilo que vibra dentro, como espelhos que devolvem fragmentos do que fui, e raízes que sustentam o que ainda sou.

Ao pensar sobre lugar, não há como separar a noção de tempo. Não o tempo cronológico, que nos aprisiona em datas e relógios, mas o tempo vivido, dobrado, abraçado, entrelaçado. O passado não se apaga: ele se reescreve nas lembranças. O presente pulsa nas conversas cotidianas, nos gestos breves, no toque, no olhar. E o futuro se anuncia como horizonte aberto, sempre maior do que posso imaginar, como na canção Anunciação, quando diz: “tu vens, tu vens, eu já escuto os teus sinais”. Porque o futuro é isso: uma chegada assustadora e encantadora, que já pulsa em nós antes mesmo de acontecer.

Assim vivemos, na dobra e desdobra do tempo, e nesse entrelaçamento de tempo e espaço que nascem as marcas que nos sustentam. Pequenas cenas se tornam eternas...

O riso partilhado entre amigos, o pôr do sol que aquieta, as festas que celebram a vida, a fé que une, o silêncio que conforta. O cotidiano, em sua aparente simplicidade, guarda a grandeza daquilo que permanece.

É nele que se constrói a eternidade dos afetos.

ENTRE AQUI E ALÉM- II

A vida é, sobretudo, travessia. Caminhos se abrem diante de nós, afetos se constroem em nós.

Há chegadas que florescem em novas raízes, e partidas que nos deixam marcas para sempre. Poderíamos chamar isso de paradoxo do pertencer: queremos permanecer e que permaneçam, mas também sonhamos em partir, e em ver partir aqueles que amamos, quando é para algo melhor.

Amamos o chão que nos formou, mas também ouvimos o chamado de novos horizontes. Pertencer é habitar esse furacão equilibrado entre o desejo de criar asas e voar e a vontade de permanecer no aconchego do ninho. É compreender que somos feitos, ao mesmo tempo, de raízes e de céu, de permanência e de voo.

E, quando nos permitimos olhar para trás, percebemos que cada lembrança é também reinvenção. Não voltamos ao passado como ele foi, mas como ele ressoa em nós agora. É nesse movimento que descobrimos que o tempo não é linha reta, mas espiral: sempre retornamos, mas nunca ao mesmo ponto.

Nesse movimento, entendemos que carregamos conosco tudo o que nos formou: afetos, medos, conquistas e até os silêncios. Somos mapas vivos, abertos, sempre inacabados. Encontramos e reconhecemos o outro, e esse outro nos devolve pedaços de nós mesmos. Pertencemos no abraço, na conversa, na partilha da vida, no riso que se multiplica. É no espelho do outro que confirmamos quem somos e ampliamos o nosso ser.

Por Allana Carolini, 2025

PARTE FINAL

Nas páginas que seguem, são compartilhadas orientações para utilizar este material em sala de aula, e, em seguida, um guia para a construção de um fotolivro próprio, permitindo que educadores e estudantes deem voz e forma às suas próprias narrativas. Que cada imagem inspire olhar atento, cada gesto desperte a reflexão, e que este registro transforme-se em sementes de descobertas e criação.

ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

Finalidade pedagógica do fotolivro

De acordo com Carvalho (2019), os fotolivros constituem uma narrativa visual intencional, que articula imagens em sequência, explorando ritmo, pausas, conexões simbólicas e sentidos coletivos. Diferem de um álbum de fotografias porque apresentam uma proposta narrativa com começo, meio e fim, ainda que não linear.

O fotolivro aqui proposto foi elaborado como obra coletiva, com o objetivo de compreender e valorizar as noções de lugar, pertencimento e identidade expressas por estudantes do Ensino Médio da Escola Estadual Cora Coralina, portanto, ao mesmo tempo resultado da investigação acadêmica e material pedagógico

de apoio a professores.. Nesse sentido, busca:

- 1.Favorecer a reflexão dos estudantes sobre a experiência de habitar e se relacionar com a cidade e a escola;
- 2.Estimular o reconhecimento de memórias e identidades construídas no espaço local;
- 3.Servir como recurso didático interdisciplinar em História, Geografia, Artes, Língua Portuguesa e Sociologia;
- 4.Preservar e valorizar registros da escola e da comunidade como memória coletiva.

Orientações para uso em sala de aula

1. Leitura Coletiva

- Apresentar o fotolivro em sala e selecionar algumas imagens para análise.
- Perguntar aos estudantes: “O que essa imagem representa para você?”, “Que memórias ou sentimentos desperta?”.

2. Projetos Interdisciplinares

- História e Geografia: relacionar imagens com a história local e os usos do espaço.
- Artes: propor releituras artísticas das imagens.
- Língua Portuguesa e Sociologia: incentivar a produção de textos (poemas, crônicas, relatos, entrevistas).

3. Atividades de Campo

- Inspirados no fotolivro, os alunos podem produzir registros fotográficos e narrativos sobre seus próprios lugares de memória (praças, ruas, casas, escola).
- Organizar uma pequena exposição com os trabalhos.

4. Discussões Temáticas

- Promover rodas de conversa sobre pertencimento, identidade, diversidade cultural e valorização da comunidade.
- Estimular debates: “O que significa habitar este lugar?”, “De que forma a escola faz parte da nossa história?”.

5. Avaliação e Registro

- Sugerir que os estudantes mantenham um diário de bordo ou produzam um texto reflexivo ao final das atividades.
- Valorizar produções artísticas (desenhos, fotografias, colagens) como formas de expressão da aprendizagem.

GUIA PRÁTICO PARA ELABORAÇÃO DE FOTOLIVRO

Inspirado na metodologia projetual de Bruno Munari (1981), mas adaptado de forma simplificada, este guia propõe 6 etapas principais para a criação de um fotolivro em contexto escolar. A ideia é tornar o processo acessível, criativo e replicável em diferentes realidades.

1. Escolha do tema

- Defina o foco central do fotolivro (memórias da escola, histórias da comunidade, lugares significativos, identidades culturais, etc.).
- Estabeleça o público-alvo (estudantes da escola, comunidade em geral, professores, familiares).
- Delimite a finalidade: preservar memórias, provocar reflexões, trabalhar interdisciplinarmente, valorizar a identidade local.

2. Planejamento das atividades de base

- Organize momentos de reflexão e diálogo: rodas de conversa, debates sobre pertencimento e identidade, relatos orais.
- Incentive o levantamento de memórias (histórias da família, da escola, da cidade).
- Estimule os alunos a pesquisarem registros históricos (fotos antigas, documentos, entrevistas, objetos significativos).

3. Produção de materiais

- Realize oficinas de produção criativa:
 - a. Fotografias (locais, pessoas, eventos).
 - b. Desenhos, colagens e pinturas.
 - c. Textos (poemas, crônicas, relatos pessoais).
- Incentive a coleta de documentos e registros históricos que dialoguem com a temática escolhida.

4. Organização dos materiais e construção da narrativa

- Categorize os materiais (por tema, tempo, espaço ou memória).
- Defina a linha narrativa (capítulos, blocos temáticos ou sequência de imagens).
- Elabore títulos, legendas e textos de apoio que deem sentido às imagens.
- Decida onde cada material será usado (foto, texto, ilustração, relato oral).

5. Montagem gráfica

- Utilize ferramentas acessíveis para montagem e diagramação:
 - a. Canva (indicado pela facilidade de uso e recursos visuais).
 - b. *PowerPoint* ou *Google Apresentações* (versões simples e práticas).
 - c. Plataformas específicas de fotolivros digitais (ex.: Blurb, Mixbook, etc. *verificar a disponibilidade de uso dos sites*).
- Trabalhe com modelos e protótipos antes de finalizar a versão definitiva.

6. Produção final, revisão e socialização

- Faça uma revisão coletiva (ortografia, qualidade das imagens, clareza da narrativa).
- Produza o fotolivro em versão digital e/ou impressa.
- Realize uma socialização: exposição na escola, lançamento simbólico, divulgação em redes sociais ou site institucional.
- Incentive os alunos a refletirem sobre o processo: “O que aprendemos sobre nosso lugar, nossa escola e nossa comunidade com este trabalho?”.

Este guia pode ser adaptado conforme o tempo disponível, número de alunos e recursos da escola. A proposta central é que o fotolivro não seja apenas produto final, mas também processo pedagógico.

O QUE FICA?

Para além do caráter sensível e narrativo, o fotolivro foi concebido como produto educacional replicável, capaz de inspirar práticas pedagógicas no ensino de Geografia, especialmente aquelas fundamentadas em metodologias ativas e participativas. Ao dialogar com os pressupostos da Geografia Humanista, o lugar é compreendido não apenas como recorte espacial, mas como espaço vivido, mediando o encontro entre o conhecimento geográfico escolar e experiências concretas dos estudantes. Mais do que um produto, o fotolivro se afirma como processo pedagógico contínuo, pois valoriza o protagonismo juvenil e reconhece os estudantes como produtores de conhecimento, capazes de interpretar, narrar e ressignificar os espaços que habitam. Como nos lembra Mello (2007, p. 04) cada pessoa se torna um geógrafo informal, pois está “capacitado para discorrer sobre a alma dos lugares, por ser o homem quem produz, aprende, vive e transmite geografia”. É nesse gesto, de olhar, narrar e pertencer, que este fotolivro encontra seu sentido e permanência.

Os autores

A GEOGRAFIA DO NORTE MOVE MOINHOS I

Na canção, "Sangue Latino", lindamente interpreta na voz de Ney Matogrosso, a metáfora "os ventos do norte não movem moinhos", trata, dentre tantas possibilidades, da impossibilidade do gigante do Norte controlar a geografia dos povos da América Latina.

Neste escrito, o sentido proposto é o oposto da canção. A geografia do Norte, produzida por Antonimar move moinhos, dentre tantas possibilidades, eis algumas delas.

Primeiro. A trilha percorrida por Antonimar é a da geografia humanista, aquela que não desconsidera os elementos físicos da paisagem, mas que associados a eles interpreta o modo de vida e a vida das pessoas nos seus lugares. A maneira como elas se apropriam do espaço e, simultaneamente, deixam nele suas marcas e carregam consigo as marcas dos seus lugares de vivências, repletos de sentimentos de pertencimento, como bem Antonimar aprendeu com as lições de Tuan, Dardel e Lefevre e tantos outros.

[...] Terceiro. A geografia do Norte move moinhos. Mas estes moinhos não se movem unicamente pela força dos ventos, outro elemento físico da paisagem. Os moinhos são movidos pela força motriz humana, de pessoas apaixonadas pelo metiê geográfico. [...]

A GEOGRAFIA DO NORTE MOVE MOINHOS II

[...] Quarto. A geografia do Norte move moinhos. Quando por meio da teoria Antonimar foi capaz de interpretar os caminhos e os lugares da gente da cidade de Comodoro de maneira tão vívida. A descrição da escola, da praça, da igrejinha, dos jardins, os lugares da infância. Os lugares das memórias das meninas e dos meninos da escola. O lugar do cheiro da terra molhada. Ao ler sobre esses lugares me veio o seguinte pensamento: “Ao cair no chão seco, a água da chuva exala um sabor inconfundível e encantador, que nos faz lembrar a nossa essência. Somos pó e ao pó voltaremos” (Santos Silva, 2026).

[...] Sexto. A geografia do Norte move moinhos. Antonimar, cujo a etimologia do nome uniu simbolicamente duas pessoas amadas, seu pai Antônio e sua mãe Lucimar, foi capaz de juntar tantas pessoas em suas andanças. Ao acolher um mundaréu de gente, elemento essencial da geografia humanista, para pensar, ensinar e fazer geografia, a escrita de Antonimar promoveu este lindo encontro. [...]

A GEOGRAFIA DO NORTE MOVE MOINHOS III

[...] E por fim. A geografia do Norte move moinhos, porque no movimento incessante da roda viva, a geografia, tão bem interpretada e escrita por Antonimar, capturou o sentido maior da existência humana, nós pertencemos aos lugares. Não a qualquer local, mas os lugares onde vivem as pessoas, que habitam o espaço do nosso coração.

Mês de Março Amazônico, os ventos de renovações movem os moinhos do Norte.

Por Avacir Gomes dos Santos Silva

Rolim de Moura (RO), 11 de março de 2026.

REFERÊNCIAS

- AUGÉ, M. Não lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade. 1ª edição francesa. Lisboa: 90 Graus, 1992. Tradução de Miguel Serras Pereira. São Paulo: Lisboa: 90 Graus, 2005.
- BADGER, G. Porque fotolivros são importantes. Revista Zum, n. 8, n.p., ago. 2015. Disponível em: <https://revistazum.com.br/revista-zum-8/fotolivros/>. Acesso em: 31 ago. 2025.
- CARLOS, A. F. A. O lugar no/do mundo. São Paulo: FFLCH, 2007.
- CARVALHO, L.L. de. MAIS AO SUL: produção de um fotolivro de natureza arquivística. Monografia apresentada o Núcleo de Design e Comunicação. Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2019.
- DARDEL, E. O homem e a terra: natureza da realidade geográfica. Trad. Wherter Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DIAS, J. M. T. Lugar geopsíquico: contribuições da psicanálise para uma epistemologia da geografia. (Tese de doutorado). Campinas-SP: UNICAMP, 2019.
- ENWEZOR, O. Archive fever : Uses of the Document in Contemporary Art. 1. ed. New York: International Center of Photography, Göttingen: Steidl Publishers, 2008. FABRIS, A; COSTA, C. Tendências do livro de artista no Brasil 1985.
- KOSSOY, B. Fotografia e História. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- MELLO, J. B. de. Os Tambores e as Flechas de São Sebastião do Rio de Janeiro. In: Revista Imaginário e Arte, São Paulo, n.15, 2007.
- MARANDOLA JR., E. Heidegger como matriz do pensamento fenomenológico em Geografia. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO, 2, 2009, São Paulo. Anais. Disponível em: <http://enhpgii.files.wordpress.com/2009/10/eduardo-marandola.pdf>. Acesso em: 19 out 2025.
- MUNARI, B. Das coisas nascem coisas . 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- PLAZA, J. O livro como forma de arte (i) 1982.
- RELPH, E. Place and placelessness. London: Pilon, 1976.
- SANTOS SILVA, A. G. dos. Falas do tempo, causos, crônicas e histórias. 1ª Ed. São Paulo: Coerência, 2024.
- SEKULA, A. Reading an archive: Photography Between Labour and Capitalism. In: The Photography Reader. ed. Liz Wells. New York: Routledge, 2003, p. 443-452.
- SILVEIRA, P. A faceta travestida do livro fotográfico . 24º ENCONTRO ANPAP – Compartilhamento na Arte: Redes e Conexões. Anais [...] Santa Maria, RS. 2015. Disponível em: <paulo_silveira.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2025.
- TUAN, Y. F. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.
- TUAN; Y. F. Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel 1980.

IMAGENS DE REFERÊNCIA

Coisas de Mato Grosso

<https://www.coisasdematogrosso.com.br/cidades/galeria-de-fotos/galeria.asp?id=97&galeria=Geral#!prettyPhoto>

Consolide

<https://www.consolidesuamarca.com.br/registro-de-marcas-comodoro-mt>

Mapas MT

<https://mapas.mt.gov.br/agente/233/#info>

Memória e História Comodoreense

<https://www.memoriaehistoriacomodoreense.com>

Revista Fator MT

<https://fatormt.com.br/noroeste-de-mato-grosso/noroeste-de-mato-grosso/comodoro/1306040>

CRÉDITOS

Autoria e organização: Antonimar Silva Freitas

Orientação: Professora Dra. Jania Maria de Paula

Instituições vinculadas: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado de Rondônia- IFRO *Campus* Cacoal; Escola Estadual Cora Coralina – Comodoro/MT.

Colaboração: Estudantes do Ensino Médio em Tempo Integral da EE Cora Coralina; Sandra Regina Marcato, Allana Carolini da Silva, Debora Gerola da Cruz, Avacir G. dos Santos Silva e Fernanda Jardim Vieira.

Edição e diagramação: Antonimar Silva Freitas

Fotografias e imagens: Arquivo pessoal do autor, fornecidas pelos estudantes (por meio de termo de uso) e imagens cedidas por Fernanda Jardim Vieira (site Memória e História Comodoreense).

